

Diversão & Arte

Romca/Divulgação

Baco Exu do Blues
lança *Quantas vezes
você já foi amado?* e
fala ao **Correio** sobre o
processo desse álbum
que alcançou a marca
de quinto mais
escutado do mundo

Terapia na música

» PEDRO IBARRA

Em um processo de reencontro com o público mas também de falar o que sente, o rapper baiano Baco Exu Blues está de volta aos streamings. O cantor, natural de Salvador, apresentou ao mundo o disco *Quantas vezes você já foi amado?*, terceiro trabalho de estúdio da carreira. O álbum tem 12 faixas que transitam pelos tormentos internos do músico, conhecido por unir relevância social com temas do cotidiano, no intuito de, por meio das canções, questionar o significado do amor e do afeto para o ouvinte.

O rapper de 26 anos é um dos principais fenômenos da música brasileira dos últimos anos. Então, em 2016, do se lançou o primeiro disco, *Esú*. Baco Exu do Blues começou a ver as casas de shows lotadas a partir de 2018, quando apresentou ao mundo o álbum *Bluesman*, trabalho que o transformou no artista de rap que mais acumula prêmios na atual cena. Nos últimos três anos, lançou o EP *Não tem bacanal na quarentena*, mas se manteve distante dos palcos, principalmente por conta da pandemia. Com o lançamento de *Quantas vezes você já foi amado?*, ou *QVVJFA?* na sigla como o disco foi conhecido, o rapper pretende não só voltar aos shows, como também colocar para fora tudo que estava entalado na garganta durante esse tempo que se manteve distante.

“Eu faço música para mim. É o lugar que eu uso como terapia, não que eu não faça terapia, eu faço, mas antes de qualquer coisa chegar na minha terapeuta, chegar à minha

música primeiro”, conta Baco sobre o próprio processo que encontrou para escrever os próprios álbuns. “É minha válvula de escape real, o lugar que eu falo as coisas que eu tenho vergonha de falar, as coisas que não conseguiria expressar em um papo aberto até alguém ouvir no meu som e me questionar sobre”, adiciona o artista.

O mesmo processo que o cantor passa ao compor, ele tenta transmitir para o público. “Todos os meus álbuns eu estudo muito. Eu vejo cada um deles como um TCC. Nunca fiz faculdade, mas imagino que seja mais ou menos dessa forma”, brinca o músico. “O que eu estudei de psicologia e psicanálise para fazer o novo disco não está no papel. Eu tomo muito cuidado para ter certeza que tudo que eu estava falando ali não ia destruir a mente de uma pessoa de uma forma irresponsável”, complementa o artista.

O cantor está ciente da responsabilidade que tem em razão do alcance que tem, *QVVJFA?* foi o quinto disco mais ouvido no mundo na semana que estreou e bateu o recorde do Spotify de álbum brasileiro mais ouvido em 24 horas com mais de 2 milhões de reproduções. “É um tema muito delicado, então, eu tenho que ter muito cuidado. Eu sou responsável por aquilo que as pessoas sentem ouvindo a minha música. Não posso só jogar lá e falar que não estou nem aí para o que as pessoas sentiram ou falar: ‘lidem com isso’”, explica Exu do Blues.

O sentimento que propôs no álbum, Baco também quer transmitir nos shows. “Nos shows, entendo o sentimento mais puro que eu trago com a música para as pessoas e não tem coisa mais linda que isso.

Não é sobre o tamanho que eu tenho, mas sim o quanto eu consigo afetar a vida das pessoas”, explica o músico. “Quando faço música, eu quero que as pessoas sintam. Se for para chorar, chore muito e saia ressentir raiva, sinta muito e saia ressonando daquilo”, complementa o artista, que acredita que o trabalho terapêutico que ele sente com as próprias canções também chega ao público. “Da mesma forma que a música me trata, quero que trate os outros também”, finaliza.

Por mais que todo esse sentimento de amor e afeto seja questionado e transmitido pelo disco, Baco não está dando uma resposta para pergunta que fez no título, afinal ele não pode falar sobre uma coisa que não sabe. “Enquanto não me traduzirem o amor da forma certa e correta e me explicarem o que é o amor sem ser o amor católico, vai ser difícil responder quantas vezes eu já fui amado”, pontua.

Jovem, preto e rico

Baco Exu do Blues também se autointitula um jovem, preto e rico, frase que virou título de música no EP que lançou em 2020. Porém ele fez questão de relembrar no novo disco que o dinheiro não mudou quem ele é: “Fiz milhões e continuei negro”, canta o rapper em *Sinto tanta raiva...*, faixa que abre *Quantas vezes você já foi amado?* “Existe uma temática muito louca de que o dinheiro é um agente embranquecedor. Eu não me sinto diferente, muito menos branco por estar fazendo dinheiro, me sinto feliz e contente por fazer dinheiro e, principalmente, pelo acesso às outras coisas que o dinheiro dá”, analisa o cantor.

“Vejo muita molecadilha falando que o Baco está fazendo som

para playboy branco. Porém, é o que sempre falo, não conheço nenhum playboy que se pareça comigo e eu tô falando de mim”, afirma Baco. “Não tem um playboy que ande como eu ando, que fala como eu falo ou que tenha porte como eu me porto ou que tenha a minha aparência. Pelo menos não conheço, se alguém conhecer que me apresente, por favor”, continua.

O músico acredita que está inserido em um mundo em que o privilégio branco sempre falará mais alto. E, pe-las estruturas não mudaram em nada pelo fato de que eu tenho uma outra condição financeira. Afinal, não é todo mundo que sabe que eu tô com medo de mim”, completa.

Contudo, Baco vê que há um movimento de retomada, ainda muito inicial, mas que mostra que há esperança de que o espaço de poder seja ocupado por pessoas diferentes das que lá estão. “Eu acho doído que, por mais a gente te esteja vendo pessoas negras no poder, ainda me parece muito pouco quando a gente vai pensar na ocupação de grandes marcas, agências, produtoras, em tudo”, reflete o rapper, que acredita que para conseguir mais é necessário parar de pedir aceitação e começar a ocupar os espaços. “A movimentação de rotular isso ou aquilo como coisa de branco, de ir ex-pulsando traz o questionamento: Vocês querem que eu seja dono de quê? Tudo é para os caras e a gente tem que ficar só com o resto? A gente só tem sempre duas opções: música ou esporte, até quando vai ser isso?”, questiona Baco.